

# Ser professor universitário – um projeto em construção

Prof<sup>a</sup>. Ms. Ivana Guimarães Lodi\*

---

**Resumo:** Este artigo discute sobre o ser professor universitário, recuperando alguns sentidos e significados de sua identidade e do seu fazer enquanto pessoa e profissional, como também, analisa algumas práticas pedagógicas e desafios na formação de futuros profissionais e seres humanos, que todos os dias vivem e convivem no espaço denominado por escola. Buscando meios para esta discussão, realizou-se uma pesquisa estruturada com oito professores universitários. Mais importante do que escolher a técnica da entrevista, foi buscar a sensibilidade para compreender a expressão dos sujeitos entrevistados e sua representatividade no seu processo de autoconstrução e de suas ações educativas. Percebe-se que o tornar-se e o ser professor acontecem todos os dias e, mesmo entre dúvidas, dificuldades e até mesmo realinhamento de rotas, a educação e os que a fazem são vistos como caminho de mudanças e uma das mediações para a transformação social.

**Palavras chave:** professor universitário; identidade; prática.

---

*“As palavras só têm sentido  
se nos ajudam a ver o mundo melhor.  
Aprendemos palavras para melhorar os olhos.  
O ato de ver, precisa ser aprendido.”*

Rubem Alves

Quando se fala em identidade do professor em nossa sociedade, percebemos ser um tema que carece de reflexões, pois a mesma é definida de maneiras, de formas e de contextos muito diferentes, sem levar em consideração quem é realmente este profissional que todos os dias interfere e sofre interferências no seu fazer e viver profissional. A sociedade contemporânea exige e cobra diversos papéis desse profissional, até mesmo aqueles que são da família e de outras instâncias sociais. Cobra até mesmo que eles sejam capazes de responder às necessidades externas do processo educativo. Também se espera que estes

profissionais, além de todas as funções que lhes têm sido delegadas, preparem os alunos para serem profissionais de qualidade e sucesso, capazes de enfrentar a competitividade e as exigências do mercado e da vida.

Sem negar a importância de todas essas demandas, fica impossível ao professor atendê-las sozinho e, nesse contexto tão complexo, já que cada professor é uma história, viveu um caminho, faz-se necessário pensar, questionar e ressignificar a identidade desse profissional tão importante, visto que todos nós carregamos as experiências compartilhadas nos ambientes em que estudamos e convivemos diariamente.

A formação da identidade humana e profissional resulta da interação dialética do homem e seu meio sócio-cultural. À medida que transforma seu meio, transforma-se a si mesmo. O professor é aquele sujeito que

não oferece uma verdade da qual bastaria se apropriar-se, mas oferece uma tensão, uma vontade, um desejo. (...) o professor domina a arte de uma atividade que não dá nada. Por isso, não pretende amarrar os homens a si mesmos, mas procura levá-los à sua altura, ou melhor, elevá-los mais alto do que a si mesmos, ao que existe em cada um deles que é mais alto do que eles mesmos. (LARROSA, 2003, p.11).

Neste fazer e fazer-se estão intimamente ligados o contexto em que a pessoa se insere e que se processa de forma dinâmica através de rupturas e tecimentos provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo.

Vemos então que a formação da identidade docente pode ser considerada um processo individual, mas percorre também uma dimensão coletiva e social mediada pelo indivíduo e seus pares. É o que Tardif (2002, p. 56-67) ressalta quando diz que “se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional”.

Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e exterior do corpo docente (FONTANA, 2000).

Assim questionamos: de que modo os professores, em especial, os professores do ensino superior, se identificam enquanto profissionais? Sabemos que o ofício de professor no ensino superior exige muito mais do que o domínio dos conteúdos que serão transmitidos no exercício da docência de forma profissional, envolvendo criticidade, reflexão

constante, pesquisa, criatividade, inovação, questionamento.

Mesmo sem respostas específicas, que não podem ser totalmente definidas, podemos dizer que um professor universitário é aquele que, em primeiro lugar, sente-se e age como ser humano imbuído de razão e sentimentos. É o professor que sabe ter autoridade, mas sem perder a ternura, sabe que na troca diária de saberes e conhecimentos com seus alunos, está sempre aprendendo, acredita ser possível tecer caminhos e apontar possibilidades que promovam o crescimento técnico e intelectual, mas, acima de tudo, humano, através de um trabalho sério, consciente, que não abre mão da qualidade, do comprometimento, que promove e instiga a todos na busca da superação do básico, do que é possível fazer nos poucos momentos da sala de aula. É também aquele que não aceita perder sua dignidade, que, mesmo entre tantas adversidades, ainda espera e trabalha por uma educação inclusiva, crítica e voltada para a construção de um país mais justo. Acima de tudo, é um professor que não abre mão, em momento algum, da postura ética e da vivência de si mesmo.

### **Pensando sobre o que somos e o que fazemos**

Sabemos que “bem ou mal preparado, o professor enfrenta um cotidiano difícil, independentemente de questionamentos sobre quais atribuições seriam de sua competência” (LAROCCA, 1999, p.19), o que nos faz parar e refletir sobre nosso papel na sociedade, sobre como vivemos nossa prática pedagógica.

Muitos de nós, como professoras e professores universitários, temos nos questionado sobre quem somos como profissionais; qual a nossa formação no que diz respeito ao exercício da docência; temos consciência de que, ao adentrarmos a escola, somos professoras/professores; como vemos e vivemos esta relação; até que ponto fomos preparados e formados para sermos professores; e, finalmente, qual é a influência de nossas escolhas na nossa ação diária profissional? A final,

fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos está continuamente criando em nós e fazendo conosco (BRANDÃO, 2000, p. 451).

Em meio a todas estas reflexões, num mundo de mudanças aceleradas e amplas, o

professor universitário tem sido desafiado em diversas instâncias. Sobre isso, Sobrinho reflete que:

Tratar da universidade, da sociedade e da democracia, hoje, obriga a refletir sobre a globalização. Desde logo, é muito problemático obter um entendimento amplamente aceitável sobre qualquer um dos elementos desse tema. Por sua vez, é muito arriscado traçar qualquer cenário seguro para as futuras transformações da universidade. Não há consensos, razoavelmente estabelecidos sobre esse eixo universidade-sociedade. Uma universidade não está fora, separada, porém, sim, está dentro da tessitura complexa e contraditória da sociedade, em relações de mútuas interações (SOBRINHO, 2005, p. 01).

A própria identidade do educador mudou, não só quanto ao seu *status quo*, como também à sua capacitação. É o que Contreras (2002) denomina de “proletarização”, numa clara alusão às condições do operariado dos séculos XVIII e XIX. Lembramos Nóvoa ao nos dizer que:

Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambigüidade que afectam hoje a profissão docente. E contribuir para que os professores voltem a sentir-se bem na sua pele... (NÓVOA, 1991, p.29).

No exercício diário de ser e se fazer professores, a questão do ensinar e do aprender vão se transformando, tomando novos e diferentes sentidos no cotidiano das escolas em que trabalhamos. Dentro da universidade, envolvidos na formação de futuros profissionais, isso se torna mais profundo e nos faz questionar nossa própria identidade e como nossas representações são vividas e repassadas àqueles que estamos formando.

Nesse cotidiano, percebemos que a História sempre foi a mesma, com algumas mudanças significativas nos últimos anos, mas ainda muito arraigada, ou seja, “é o professor quem ensina e é o aluno quem aprende”. O professor ainda é visto como o único detentor do saber e o aluno fica à mercê desse conhecimento, aquele que nada sabe, portanto precisa aprender. Passamos a questionar essa máxima, como também as nossas próprias ações e identidade. Contreras (2002, p.82) afirma que “o trabalho docente sofreu uma subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, a perda da autonomia”. Durante

anos, percebemos certa resistência ou, até mesmo, uma alienação quanto ao questionamento dessas relações, afinal, “a verdade já estava posta”.

Neste pensar ou re-pensar a nossa prática pedagógica, é possível analisarmos os efeitos diretos e indiretos que foram nos constituindo enquanto professora ou professor universitário até hoje. Neste contexto, Larrosa discute que “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos (...), em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal” (2003. p. 52).

Só poderemos penetrar verdadeiramente na análise sobre o professor universitário e sua prática educativa, quando contemplarmos este professor, levando em consideração sua subjetividade, sua história, sua vida e suas práticas. Assim, analisar as influências sofridas em sua formação e prática como professores universitários, assume hoje uma tentativa que, ao alargar os estudos sobre os processos educativos, possibilita entender algumas das possibilidades que compõem a vida de todos os que estão inseridos no processo de serem professores universitários e que interferem de forma direta no seu exercício profissional.

De acordo com os novos padrões e métodos utilizados nas pesquisas em educação, que valorizam o micro, o cotidiano, na busca de entender e, quem sabe, constituir um novo macro, sendo a tendência das grandes investigações identitárias, nada melhor do que deixar falar os próprios envolvidos nesta profissão. Como tão bem nos afirma Nóvoa:

O objetivo final das abordagens (auto) biográficas é contribuir para a elaboração de uma teoria de formação de adultos, ainda que não se possa lá chegar sem passar por uma reflexão centrada no nosso próprio processo de formação. (Segundo ele), é preciso mobilizar as dimensões pessoais nos espaços institucionais; equacionar a profissão à luz da pessoa e viver-se; aceitar que por detrás de uma logia (uma razão), há sempre uma filia (um sentimento), e pelas histórias de vida pode passar a elaboração de novas propostas sobre a formação de professores e sobre a profissão docente (1997, p. 13).

Para que pudéssemos conhecer melhor sobre o cotidiano dos professores universitários, como também conhecer o significado que dão à sua prática, recuperando alguns sentidos e significados de suas identidades e de seu fazer pedagógico, realizamos uma entrevista com seis professores/educadores universitários, de idades e formações diferenciadas.

A coleta de dados foi feita através de questionário estruturado e escrito, composto

pelas seguintes questões:

- Quem é você enquanto professor universitário no atual contexto político-econômico-sócio-cultural brasileiro?
- Como você se vê enquanto membro do corpo docente no ensino superior?
- Como você se situa diante do processo de ensino e aprendizagem, frente aos diversos desafios do mundo atual, caracterizado por um processo acelerado de mudanças?

## O ser professor universitário

Toda pesquisa, como investigação de algo, nos lança em diversas interrogações, nos pede reflexão, crítica, enfrentamento com o que está posto, invenção, criação e até re-criação. Segundo Chauí (1999, p. 222), “é pensar e dizer o que ainda não foi pensado, nem dito, uma visão compreensiva das totalidades (...), em que a reflexão crítica, o exame dos conhecimentos instituídos possibilitem sua mudança e superação”.

Analisando as respostas dos sujeitos pesquisados, é possível perceber que, mesmo diante de tantos desafios, cobranças, exigências, mudanças, muitas delas contraditórias, existe em todos eles, uma crença no processo de viver a educação, como também esperança e determinação em fazer do seu exercício profissional, um exercício na busca do crescimento mútuo e, conseqüentemente, para a melhoria pessoal e social.

Um dos professores diz: *“Entendo que qualquer professor universitário contribui para a formação de pessoas, tanto para serem profissionais como para exercerem a cidadania. Assim me vejo no contexto político-econômico-sócio-cultural brasileiro”*. Outra professora fala: *“O ensinar é um processo contínuo e exige de seus parceiros uma atuação consciente e transformadora. O novo nos impele às conquistas e às provocações”*. Já outro entrevistado afirma que é *“Um sujeito-cidadão, que procura a todo instante fazer a melhor leitura possível da realidade e a partir desta, criar mecanismos de participação, visando contribuir para a construção de um mundo o mais próximo possível do projetado”*.

Através dessas respostas, percebemos que o compromisso para e com o exercício da cidadania está presente na expressão do que vem a ser um professor universitário. Em todos os entrevistados, percebemos a preocupação com esse compromisso de formar integralmente, para o exercício consciente da cidadania.

Chama-nos a atenção que os entrevistados têm consciência dos desafios a que estão postos. Desafios de ordem pedagógica, econômica, política e ética, mas que mesmo assim, todos têm uma atitude de responsabilidade e de ação comprometida para consigo mesmos no exercício de sua profissão, no envolvimento direto com seus alunos, na certeza de

que estão de alguma forma interferindo na construção de pessoas, de profissionais com formação humana e não só técnica.

Confirmando isso, uma das entrevistadas nos diz que é *“uma cidadã que procura cumprir sua parte com responsabilidade e ética e tenta desenvolver valores nos universitários concernentes com a paz, a harmonia, a tolerância, a inclusão, além da formação técnica-profissional”*. Também diz que se sente como *“uma profissional que contribui com o desenvolvimento do país, principalmente com outros futuros educadores, na formação ética do ser profissional. Isso é realizado através da conscientização e sensibilização dos acontecimentos educacionais, tornando-os seres conscientes e críticos”*, o que nos mostra o compromisso cidadão e ético no exercício profissional.

Outra entrevistada expressa essa crença na educação, sem deixar morrer a esperança, mesmo diante de tantos desafios que são postos diariamente, por diversos segmentos sociais. Conforme suas palavras, *“diante da atual política do governo em relação às instituições de ensino superior, somado às políticas das Instituições particulares, ser professor universitário atualmente se dá mais por vocação. Principalmente para aquele profissional que investiu na carreira, com anos de estudos, passando por especializações, mestrado e doutorado. Acho que sou uma sonhadora, pois ainda acredito na Educação, na profissionalização da carreira do professor”*.

Já no que diz respeito aos diversos desafios e às dificuldades enfrentadas pelo professor universitário, todos os entrevistados os vêem e sentem, mas, mesmo assim, não desistem, não perdem a esperança naquilo que fazem. Um entrevistado nos fala que *“o professor universitário brasileiro é um ser pressionado por resultados por uma sociedade e governo que ainda não consegue cumprir seu papel. Há universidades com as mais diversas culturas, com os mais variados interesses”*.

Outro aspecto importantíssimo levantado por este professor é quanto à mercantilização do ensino no país, e do ensino superior também. A educação no país, por falta de responsabilidade governamental, o que diríamos ser até mesmo uma questão ética ou, o que é pior, de uma anomia que se instalou no país em diversos segmentos, tornou-se um ótimo negócio privado. Isso leva a uma maior concentração de riqueza nas mãos das minorias e, mais que isso, o ensino superior público acaba sendo para aqueles que têm mais condições econômicas, porque são preparados em escolas particulares antes de ingressarem nas universidades, e o ensino privado acaba sendo em sua grande extensão para aqueles que precisam trabalhar para custear seus estudos, deixando claro, mais uma vez, as injustiças sociais em nosso país.

Quanto a essa realidade, um professor relata: *“Boa parte das públicas, tidas como as melhores, está caminhando para o sucateamento, fruto da falta de investimento governamental e da insensibilidade da iniciativa privada. As universidades privadas despontaram como alternativa para o ensino de*

*qualidade para os que podem pagar por ele. Entretanto, tendo o ensino se transformado em ótimo negócio há algum tempo, houve grande expansão da oferta, possibilitando o acesso de mais pessoas das classes sociais menos favorecidas ao ensino superior”.*

Esse professor complementa: *“Preocupa é a qualidade do ensino oferecido com a concorrência entre as IES, inclusive com as que oferecem o ensino à distância, a preços módicos. Os reflexos da mercantilização do ensino e do comércio desenfreado dos serviços educacionais já começam a aparecer e serão mais visíveis a médio prazo”.*

Ele conclui: *“Preocupa, também, as deficiências que os alunos trazem do ensino fundamental e médio para a universidade que precisa de sua mensalidade para a continuidade dos serviços. É uma situação que praticamente obriga à flexibilização dos processos de avaliação e promoção, o que resulta na dificuldade de entregar à sociedade o homem e profissional que ela anseia”.*

Quando perguntados sobre como se veem enquanto professores/educadores universitários, todos os entrevistados concordam e ressaltam a satisfação em fazer parte e viver esta profissão. Vejamos algumas respostas:

*- Vejo-me como membro de uma equipe privilegiada por trabalhar em uma escola que despontou como referência na região geográfica em que está.*

*- Me vejo como uma pessoa privilegiada.*

*- Como uma pessoa que está seguindo um ideal de vida profissional, participando de um grupo comprometido com a qualidade do ensino e das relações humanas.*

*- Me enquadro como uma professora que acredita no potencial dos alunos e de seus colegas de trabalho. Acompanho o crescimento de cada aluno meu, incentivando-os para uma formação pautada no espírito crítico.*

Já em relação à última pergunta feita aos entrevistados, as respostas nos mostram que todos conhecem e se sentem pressionados por este quadro que se apresenta, mas que, mesmo diante de tantos desafios e incertezas, mantêm viva a crença naquilo que estão fazendo e buscam constantemente o aperfeiçoamento.

Uma das entrevistadas nos fala que a sua *“posição é de enfrentamento com competência, habilidade, sem medo de errar. A experiência é fundamental, a teoria sem a prática seria um obstáculo maior para enfrentarmos os desafios e as mudanças constantes no processo ensino e aprendizagem”.*

Já outro professor, ao se referir a essa questão da diversidade, fala que sabe que tem *“de trabalhar com a diversidade, não igualar por cima ou por baixo, talvez nem “na média”. O fato é que tenho como professor, de lograr êxito no aprendizado de meus alunos, na formação humana e profissional. E busco os meios para isso. O caminho é, quase sempre, árduo. Mas tem recompensas”.*

Outro entrevistado refere-se a essa questão, da seguinte forma: *“Como alguém que se encontra preocupado em encontrar subsídios suficientes para compreender e saber agir diante do desafio de*



*ensinar alguém que, em determinadas ocasiões, não está preocupado em aprender”.*

Em todas as respostas percebemos que todos acreditam naquilo que fazem, estão sempre buscando subsídios para melhorar sua prática, não desanimam frente aos vários desafios e questionamentos surgidos no dia-a-dia profissional, o que nos faz perceber entre eles, um compromisso pessoal, cidadão e ético por aquilo que fazem. Isso, sem dúvida alguma, é importantíssimo, posto que existem diversos professores que não têm esse compromisso, ou que são às vezes tão desvalorizados que não exercem sua profissão de maneira comprometida, e com isso, colaboram, mesmo que inconscientemente, para piorar ainda mais o quadro já tão deteriorado da educação no país.

Uma entrevistada nos fala sobre esse querer ir além, esse enfrentamento das dificuldades, quando nos diz que *“Às vezes me sinto perdida. Às vezes desafiada. Mas, procuro um crescimento cada vez maior”.*

Outra entrevistada destaca a importância de sempre ligar o *“ensino com atividades práticas, e ainda associadas às atividades de extensão e pesquisa”*, ressaltando a importância de formar para a vida, para o enfrentamento e transformação da realidade, afinal este é o principal objetivo de pertencer ao ensino superior, ou seja, as universidades foram criadas para mudar a realidade daqueles que estão em seu espaço interno e externo, senão perde-se o objetivo de sua própria existência.

### Ampliando e aprofundando o olhar

Pesquisar e analisar o campo educativo nos obriga a um olhar amplo e profundo, que, segundo Imbernón,

é importante ter, pelo menos, dois tipos de olhares. Há um primeiro olhar imediato, próximo, de curto alcance, um olhar que nos ajuda a resolver esses problemas cotidianos que chegam a nos obcecaram e não nos permitem levantar os olhos. (...) tento ultrapassar esse olhar de curto alcance e estimular o hábito do segundo olhar, ou seja, mais amplo e profundo (IMBERNÓN, 2000, p. 77).

Muitas vezes, alcançar este “olhar” mais amplo e profundo é um desafio, que mesmo buscando, não conseguimos atingir. Dizemos isso porque, no que se refere à educação, são vários aspectos, influências, interferências, tanto objetivos como subjetivos, num ir e vir do macro ao micro e vice-versa.

Realizar qualquer pesquisa envolvendo a educação e principalmente os agentes educativos obriga-nos a tentar deixar de lado muitas ideologias, verdades postas, crenças. Um exercício rico em possibilidades e às vezes doído pelas constatações e descobertas, algumas delas veladas, percebidas em nosso dia-a-dia. Mas, investigar pessoas, os sujeitos que vivem e constroem todos os dias a educação é um campo rico em possibilidades, profundo em conhecimentos e, acima de tudo, imenso no que diz respeito ao humano.

Depois de analisar os sujeitos da nossa pesquisa, constatamos que, mesmo em meio aos desafios, dúvidas, inseguranças, todos acreditam na educação como aquela que favorecerá a igualdade de oportunidades e a equidade, sem perder de vista os inúmeros problemas e dificuldades que vivenciamos diariamente em nossa prática profissional. Temos consciência de que é preciso, sempre, nos envolver na busca por uma nova prática social que ajude o ser humano a inserir-se na sociedade, de maneira ativa e como elemento de transformação.

Paulo Freire, nos fala:

Ser utópico não é apenas ser idealista ou pouco prático, mas também efetuar a denúncia e a anunciação. Por isso, o caráter utópico de nossa teoria e prática educativa é tão permanente como a educação em si, que, para nós, é uma ação cultural. Sua tendência para a denúncia e a anunciação não pode se esgotar quando a realidade, hoje denunciada, amanhã cede seu lugar à realidade previamente anunciada na denúncia. Quando a educação já não é utópica, isto é, quando já não possui a unidade dramática da denúncia e da anunciação, ou o futuro já não significa nada para os homens, ou estes têm medo de se arriscar a viver o futuro como superação criativa do presente, que já envelheceu. No entanto, conforme uma visão autenticamente utópica, a esperança não quer dizer cruzar os braços e esperar. A espera só é possível quando, cheios de esperança, procuramos alcançar o futuro anunciado que nasce no marco da denúncia por meio da ação reflexiva... a esperança utópica é um compromisso cheio de risco (FREIRE, 1995 p. 21).

Alguns dizem que a utopia é ilusória, é irreal, não nos leva a nada. Claro que a utopia pela utopia é um círculo vicioso, mas a utopia sonhada em grupo, sem perder de vista “a luz no final do túnel”, tem possibilidade de buscar caminhos e formas para transformar a realidade posta quanto ao ensino no país, e especificamente, a educação superior.

Segundo Bauman, a fluidez pode ser a principal metáfora para o estágio do tempo presente. Os fluidos “fluem”, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘mudam’, ‘borrifam’, ‘pingam’, ‘são filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não

são facilmente controlados” (2001, p. 08). Na inconstância da leveza dos tempos atuais, o derretimento dos sólidos é o traço permanente, e o homem tenta se encontrar em meio a tanta inconstância, tanta quebra de paradigmas, como também encontrar caminhos e meios que o façam gente, que o levem a se realizar. Infelizmente, “a tarefa de construir uma ordem nova e melhor para substituir a velha ordem defeituosa não está hoje na agenda” (Idem, p. 12).

Diante desse quadro de mudanças aceleradas, de novos paradigmas que são questionados, como de outros que nos são apresentados, como professores e acima de tudo, educadores, só nos resta sempre, repensar nossa formação e, principalmente, nossa atuação pedagógica, comprometida com uma sociedade mais justa e mais humana, uma sociedade capaz de entender e conviver com essa fluidez que se faz presente dia-a-dia.

Acreditamos que, nas palavras de Pimenta e Anastasiou:

A finalidade da educação escolar (superior) na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria. O que implica analisá-los, confrontá-los, contextualizá-los. Para isso, há que articulá-los em totalidades, que permitam aos alunos ir construindo a noção de “cidadania mundial” (PIMENTA e ANASTASIOU, 2002, p. 81).

Também recorremos ao que nos diz Sobrinho, quanto à finalidade da educação, e especificamente, à educação superior:

A educação superior, por mais que se transforme, não pode ser renuente a seu papel de formação intelectual e moral, ao mesmo tempo que de desenvolvimento material das sociedades, por meio das atividades públicas de construção e promoção de conhecimentos e valores. A educação superior é um patrimônio público na medida em que exerce funções de caráter político e ético, muito mais que uma simples função instrumental de capacitação técnica e de treinamento de profissionais para as empresas (SOBRINHO, 2005, p. 05).

Cientes do tamanho de nossa responsabilidade é preciso assumir nosso compromisso profissional e ético para com cada um de nós, para com nossos alunos, e para com a sociedade em geral, na certeza de que apesar do inesperado, sempre vale a pena educar. Afinal, temos que ser estes seres transformadores e questionadores, seres marcantes, nas

palavras de Castanho, que vêem “em cada momento uma possibilidade de interagir e propiciar o crescimento do aluno” (2002 p.157), seres que se fazem aptos no enfrentamento de tantos desafios, que buscam superar tantos obstáculos na busca de superar problemas básicos da humanidade, de fazer aflorar o humano.

Já se disse que “fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas”. O processo do educar contribui de maneira significativa na construção de um futuro melhor, pois como humanos, recebemos dons especiais que nos tornam capazes de dividir, trocar, buscar o ser no lugar do ter, liberar nossas energias infinitas, nossa criatividade ilimitada, aplicar aquilo que somos capazes para alguma forma de bem comum no exercício de fazer e viver o educar. Uma das coisas mais nobres da vida é saber doar-se ao outro, e nessa dialogicidade vivida neste processo, ao invés de perder, acrescentamos cada vez mais naquilo que estamos nos tornando como gente. Educar, se educar, dividir, acrescentar, fazer, ter coragem, seguir, ir até o fim... Mas, não há fim, tudo termina no eterno recomeçar, com cada um de nós e com o outro.

## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis, GENTIL, Pablo, KRUG, Andréa et.al. (Orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000.
- CASTANHO, Maria Eugênia. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, Sérgio, CASTANHO, Maria Eugênia. (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. 2 ed., Campinas: Papirus, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.
- CONTRERAS, José. **A autonomia do professor**. São Paulo: Cortez, 2002.
- 4 FONTANA, Roseli Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995.
- IMBERNÓN, Francisco. Amplitude e profundidade do olhar: a educação ontem, hoje e amanhã. In: **Evidência**, Araxá, n. 5, p. 93-106, 2009

IMBERNÓN, Francisco (Org.). *A educação no século XXI – os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LARROCA, Priscila. *Psicologia na formação docente*. Campinas: Alínea, 1999.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana – danças piruetas e mascaradas*. 4 ed. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

NÓVOA, Antônio. *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora, 1991.

NÓVOA, Antônio (Org). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido, ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

SOBRINHO, José Dias. *Educação superior, globalização e democratização. Qual universidade*. 2005.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

**\* Prof. Ms. Ivana Guimarães Lodi**

**Centro Universitário do Planalto de Araxá - Uniaraxá**

**Currículo - <http://lattes.cnpq.br/2928733474883886>**

**Endereço eletrônico: [iglodi@terra.com.br](mailto:iglodi@terra.com.br)**

---

**Abstract:** This paper discusses the role of the university professor, recovering some senses and meanings of its identity and of its realization as a person and professional, and also examines some practices and challenges in teaching and training the future professionals and human beings, who live every day in a place called school. Seeking ways to this discussion, a structured search with eight university professors was realized. More important than choosing the technique of the interview was to seek the sensitivity that is necessary to understand the expression showed by the interviewees and the representation of that expression in the process of their self-building and their educational activities. It is perceived that becoming the “teacher-being” happen every day and even between questions, difficulties and realignment of routes, the education and the professors are seen as a way to change and as one of the mediations of social transformation.

**Key-words:** university professor; identity; practice.

---

6